

Do Talibã ao Talibã: O Retorno do Emirado Islâmico do Afeganistão

Isabela Marcon Ciceris¹

Luiza Rodrigues Morais²

Mariana Realí Vitola³

Resumo: O artigo propõe-se a realizar uma análise de conjuntura dos desdobramentos recentes da Guerra do Afeganistão, com a retomada do Talibã ao poder, em agosto de 2021. A análise partirá do modelo “Análise das Análises ou Mosaico de Vozes”, que propõe um estudo de caso pautado pela avaliação da construção de cenários e projeções de atores diversos. Dessa forma, a pergunta norteadora da pesquisa é: “Dados os interesses internacionais e o histórico do Afeganistão, quais são os possíveis cenários projetados para o país?”. Ademais, foram levantados três possíveis cenários futuros, que serão considerados para avaliar a retomada do Afeganistão pelo Talibã.

Palavras-chave: Estados Unidos. Afeganistão. Talibã. Análise de Conjuntura

1 Graduanda em Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: bmarcon1999@gmail.com

2 Graduanda em Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: luizarm03@gmail.com

3 Graduanda em Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: marianavitola@hotmail.com

1 Introdução

O presente trabalho propõe-se a realizar uma análise de conjuntura dos desdobramentos recentes da Guerra do Afeganistão, mais especificamente a retomada do Talibã ao poder, em agosto de 2021. Para que se possa depreender o tema de forma a analisar os diversos pontos de vista envolvidos no conflito será utilizado um modelo analítico que abranja os múltiplos atores e seus interesses a nível nacional, regional e internacional. O estudo partirá do modelo analítico de Marília Carolina Pimenta, chamado de Análise das Análises ou Mosaico de Vozes, em que a proposta é uma análise pautada na avaliação da construção de cenários e projeções de atores diversos, tendo-se a possibilidade de apreender pontos-chave das tendências de cada ator, além de seus interesses e projetos e sua relação com a realidade conjuntural do momento. O modelo de Mosaico de Vozes permite o entendimento de que as produções desses atores — que podem ser desde atores governamentais a organizações não-governamentais — estão calcadas em leituras políticas da realidade, onde os mesmos influenciam a tomada de ações que abarquem seus interesses e realidades (PIMENTA, 2016).

A pergunta norteadora da pesquisa, utilizando o modelo analítico apresentado, é: “Dados os interesses internacionais e o histórico do Afeganistão, quais são os possíveis cenários projetados para o país?”. Nesse sentido, foram identificados três possíveis cenários futuros, que serão discutidos na seção de Conclusão deste trabalho, sendo eles: a) o Talibã seguirá no poder no Afeganistão; b) potências internacionais irão intervir novamente no Afeganistão, a fim de afastar o Talibã do poder e, por fim, c) o Talibã se manterá no poder, mas apresentará uma postura mais moderada. É importante ressaltar, ainda, que as análises aqui realizadas estão inexoravelmente associadas à incerteza, à imprevisibilidade e ao risco do desconhecido que pautam o Sistema Internacional e a ação dos atores que buscam tanto analisar quanto inferir na realidade, em oposição à ideia de uma conjuntura fixa e oracular (PIMENTA, 2016).

Para a construção deste trabalho foram utilizadas fontes variadas, desde artigos e livros acadêmicos tradicionais, especialmente no que tange à contextualização histórica e à análise dos aspectos teórico-metodológicos, a relatórios de análise de conjuntura e entrevistas para a elaboração da análise em si. Os relatórios e entrevistas foram escolhidos com base no seu escopo e possibilidade de análise

das tendências, interesses e projetos por parte de países ou organizações e grupos envolvidos, em diferentes graus, no conflito.

Em relação à análise do conflito, se partirá, primeiramente, de uma contextualização histórica, que perpassa o período de conflitos internos no Afeganistão ao acordo assinado entre Talibã e Estados Unidos em 2020 e que trata da retirada total das tropas norte-americanas, para então a análise do mosaico de vozes, em que serão estudados os discursos e interesses dos atores envolvidos, como, por exemplo, os países fronteiriços ao Afeganistão. Na próxima seção segue-se a fundamentação do modelo teórico de Análise das Análises. Após, serão analisados o contexto histórico e os relatórios e entrevistas dos atores envolvidos para, por fim, serem realizadas as considerações finais acerca das perspectivas levantadas sobre a tomada Talibã do Afeganistão (UNITED STATES OF AMERICA, 2021; PIMENTA, 2016).

2 Explicando o Oráculo: Análise das Análises como Modelo de Análise de Conjuntura Internacional

O modelo de análise de conjuntura utilizado para realizar este trabalho será a técnica de construção de cenários, desenvolvida por Marília Carolina de Souza Pimenta no capítulo “Do Oráculo ao Mosaico de Vozes: Elementos-Chave para a Compreensão Pós-Conflito Colombiano”, parte do livro “Análise de Conjuntura em Relações Internacionais: Abordagens e Processos”, organizado por Luis Fernando Ayerbe. Pimenta inicia o capítulo falando sobre a incerteza na análise de conjunturas, uma vez que o futuro é incerto e existe uma incapacidade de o prevermos com exatidão. No entanto, a autora afirma que, quando atores realizam análises de conjuntura, esses estão, de certa forma, influenciando e induzindo os demais atores a se comportarem conforme estas previsões, buscando assim o desenrolar dos acontecimentos mais favoráveis aos seus interesses (PIMENTA, 2016).

A autora propõe o que chama de “análise das análises de conjuntura”, ou construção de cenários, que consiste em um exame de projeções e cenários construídos por diferentes atores para compreender e averiguar seus interesses políticos em relação às projeções que esses criam. A construção desses cenários está pautada em prováveis comportamentos assumidos pelos atores envolvidos, estando, portanto, fundamentada na incerteza. De acordo com Pimenta, é o reconhecimento desta incerteza que faz com que a melhor estratégia seja desenvolvida; sabe-se que não

há como prever o futuro, sendo possível apenas determinar quais eventos são mais prováveis de ocorrer e quais são inusitados. Dessa forma, a análise de conjuntura é o estudo da realidade em movimento, carregando o risco do imprevisível (PIMENTA, 2016).

A autora apresenta, então, um modo de investigação que busca a avaliação de diferentes análises de conjuntura elaboradas por atores distintos, como, por exemplo, governos, organizações não governamentais, centros de pesquisas e demais entidades. De acordo com Pimenta, é através da averiguação dessas análises, da verificação de como são produzidas, de quais são os seus objetivos e de que interesses elas representam, que podemos perceber como elas buscam influenciar a realidade. Reconhece que estes diagnósticos são, primordialmente, parciais e, por este motivo, é fundamental observar sempre o “para quem” e o “para que”, uma vez que estes são os elementos influenciadores da realidade (PIMENTA, 2016).

3 A Construção do Afeganistão dos Talibãs

A conjuntura atual do Afeganistão no Sistema Internacional tem origem em acontecimentos históricos que necessitam de análise tanto para compreendê-los quanto para compreender o momento recente. Ao longo do século XX, o país passou por diversas modificações, deixando de ser um Estado essencialmente feudal e passando por uma pequena primavera democrática nos anos 1960, que criou as bases para as futuras revoluções. Além do sentimento modernizador que crescia nas elites da capital, Cabul, a influência soviética no Afeganistão também foi um fator decisivo para a instabilidade social do país e para a sucessão de diversos golpes que ocorreram ao longo das décadas de 1970 e 1980 (VISENTINI, 2013).

Após golpes de Estado que fragilizaram a política interna do país, tendo o mais recente desses, de viés comunista, acelerado mudanças de regime e a chamada “revolução pelo alto”, o campesinato religioso — que deu origem aos Mujahideen — se revoltou contra o regime e passou a receber apoio externo do Paquistão. Nesse momento, em 1979, a URSS decidiu apoiar um golpe para derrubar o governo impopular e instalar um novo governo. Iniciou-se, assim, a primeira Guerra do Afeganistão, que duraria uma década. Os soviéticos tentavam reerguer o Estado e o exército afegãos e controlar pontos vitais do país, o que se mostrava difícil com o apoio do Paquistão aos rebeldes que se isolavam na fronteira montanhosa. Assim,

a tática soviética passou a contar, também, com ataques aéreos. No entanto, a eficácia da nova estratégia foi afetada pelo auxílio que os Estados Unidos passaram a dar aos Mujahideen ao fornecer-lhes mísseis stinger. Dessa forma, os grupos de guerrilha e militantes estrangeiros, dentre eles Bin Laden, se armaram e desenvolveram técnicas de guerra utilizadas em conflitos posteriores (VISENTINI, 2013).

Após a primeira Guerra do Afeganistão, durante os anos de 1990, alguns dos guerrilheiros religiosos, armados e treinados pelos Estados Unidos, formaram o movimento do Talibá. Dentre os que compunham o novo movimento havia muitos combatentes anti-Soviéticos, os Mujahideen, que se separaram do movimento ao se perceberem desiludidos com a guerra civil que se deu entre as diferentes facções de Mujahideen após a retirada soviética em 1989 e o consequente colapso do governo de tendências soviéticas, em 1992. Foi nesse período inicial que o Paquistão começou a apoiar o grupo, pelo potencial de “levar ordem ao caótico Afeganistão e transformá-lo em um aliado cooperativo”, assim dando ao Paquistão a “maior segurança de uma das diversas fronteiras onde os oficiais militares do país ansiavam pela chamada ‘profundidade estratégica’” (UNITED STATES OF AMERICA, 2021a, p. 1). As práticas e crenças do Talibá estavam em consonância e derivavam em parte das tradições conservadoras tribais dos Pashtuns, que representavam um dos muitos complexos grupos étnicos do país e possuíam tradição de governança no mesmo.

Os Talibás enxergavam o governo pós-soviético do presidente Burhanuddin Rabbani como fraco, corrupto e anti-Pashtun. Além disso, os quatro anos de guerra civil entre os grupos Mujahideen fizeram surgir apoio popular ao Talibá, que era visto como menos corrupto e com melhor capacidade de promover estabilidade. Assim, o Talibá organizou uma série de campanhas militares no território afegão, que culminaram na captura de Cabul no dia 27 de setembro de 1996. Não muito tempo depois, o grupo perdeu a maior parte do apoio doméstico e internacional, especialmente por conta das imposições severas a sua interpretação do Islã nas áreas controladas e empregou punições severas para forçar o cumprimento de seus decretos, incluindo proibições na televisão e execuções públicas; além de proibir música ocidental, o ato de dançar, da proibição das mulheres estudarem ou trabalharem fora de casa — exceto na área da saúde — e a execução pública de mulheres por alegações de adultério (UNITED STATES OF AMERICA, 2021a).

Em vista disso, os atentados de 11 de setembro de 2001 relacionam-se à turbulência política afegã não só pela guerra que se seguiu à retaliação estadunidense, mas também pelo contexto histórico da criação da Al-Qaeda e do Talibã. Após os ataques, o então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, aproveitou a comoção mundial e desencadeou a guerra ao terror, tendo o Afeganistão como seu primeiro alvo. A presença militar estadunidense logo se espalhou pela Ásia Central, gerando tensão com os países fronteiriços — em especial Rússia, China e Irã — e desequilibrou as relações do Paquistão e da Índia. Foram feitos, então, alguns arranjos diplomáticos para assegurar a invasão: o Paquistão abandonou sua aliança com o regime do Talibã; a Rússia, a China e os outros Estados da Ásia Central autorizaram o acesso e construção de bases em seus territórios para que os militares pudessem acessar o norte do Afeganistão, onde estava a resistência. Ademais, a situação interna do país, que já estava degradada, em parte pela incapacidade administrativa do Talibã e em parte por secas que assolavam o território, tornou-se pior com os bombardeios de mísseis e com a guerra, que geraram destruição e migrações internas (VISENTINI, 2014).

Ainda em dezembro de 2001 o Conselho de Segurança da ONU (CSNU) aprovou a Resolução 1.386, que autorizou o estabelecimento de uma Força Internacional de Assistência para a Segurança (ISAF), inicialmente pelo período de seis meses, mas que logo teve seu período de atuação estendido por resoluções posteriores. Além disso, em Bonn, na Alemanha, facções afegãs estabeleceram um acordo para que se formasse um governo provisório; o acordo foi aprovado pela ONU, e havia a discussão do envio de uma força de paz. Esse fato trouxe descontentamento a muitos grupos afegãos, incluindo o Talibã. Sendo assim, no dia 22 de dezembro de 2001, Hamid Karzai tomou posse como o Primeiro-Ministro do governo de coalizão que tinha o objetivo de trazer estabilidade e desenvolvimento ao país destruído pela guerra. Porém, com os interesses dos Estados Unidos voltando-se ao Iraque e com o Afeganistão considerado sob controle, esse investimento em desenvolvimento e reconstrução não foi realizado. Também, como o governo estadunidense acreditava já controlar o país, parte das tropas americanas foram realocadas, o que deixou um vácuo de poder em certas áreas do Afeganistão onde, rapidamente, uma insurgência surgiu, o neo Talibã (VISENTINI, 2014).

A guerra, que a princípio era vista pelas forças da coalizão como um conflito de fácil resolução e uma causa ganha, se tornou dispendiosa e muito mais longa que o planejado, superando em duração a Guerra do Vietnã. Consequentemente, o interesse de manter as tropas pacificadoras no país diminuiu e, em 2014, aprovou-se a retirada gradual das forças da ISAF do Afeganistão. Dessa forma, a manutenção da segurança e paz no Estado ficariam sob responsabilidade das forças nacionais do país. Além do apoio em treinamento e assistência, os contingentes militares americanos que permaneceram no país conduziam operações de contraterrorismo: a Operação Sentinela da Liberdade. Desiludido com a falta de avanços no Afeganistão, Trump, em fevereiro de 2020, assinou um acordo formal com o Talibã em que os EUA se comprometeriam a retirar todas as suas tropas, empreiteiras e oficiais civis do Afeganistão, com uma redução do contingente militar para 8.600 pessoas até o meio de julho de 2020 e uma retirada completa até o final de abril 2021. Em troca, o Talibã se comprometeria a prevenir que quaisquer grupos, incluindo a Al-Qaeda, ameaçassem os Estados Unidos e seus aliados ao não permitir que esses grupos se estabelecessem no país (UNITED STATES OF AMERICA, 2021a).

Por fim, após finalizada a tratativa entre EUA e Talibã, a retirada das forças estadunidenses se completou ao final do mês de agosto de 2021. Por consequência a situação do país desestabilizou-se rapidamente, tendo o Talibã capturado diversas províncias e Cabul. A fuga do presidente Ghani e a marcha das forças do grupo para dentro da capital, no dia 15 de agosto, foi a desintegração de facto do Governo. Diversos civis afegãos, temendo as consequências da incerteza do país na sua segurança, foram até o Aeroporto Internacional de Cabul em uma tentativa desesperada de deixar o território. Diversos relatos surgiram de regiões ocupadas pelo Talibã sobre as imposições de restrições de liberdades individuais e sociais e da erosão dos direitos das mulheres, incluindo o seu acesso a serviços e educação. O grupo expandiu seu controle territorial de forma vertiginosa, capturando 33 das 34 capitais de províncias em um período de 10 dias durante agosto. No dia da tomada de Cabul, o líder do Talibã e chefe da Comissão Política, Mullah Baradar, publicou um vídeo anunciando a vitória “inesperada” do grupo; ele chegou a Kandahar em 17 de agosto. Em 18 de agosto, os Emirados Árabes Unidos emitiram uma declaração em que davam as boas-vindas ao presidente Ghani. No mesmo dia, Ghani publicou uma mensagem em que afirmava sua intenção de retornar

ao Afeganistão. Nesse mesmo período, a United Nations Assistance Mission in Afghanistan (UNAMA) continuava a dar suporte a autoridades subnacionais em conflito permanente. A insegurança cresceu de forma exponencial, em partes pelo lançamento de uma ofensiva em larga escala durante a retirada das tropas internacionais remanescentes no Estado (UNITED STATES OF AMERICA, 2021a).

4 Mosaico de Vozes: Análise das Análises sobre a Situação no Afeganistão

Considerando o histórico apresentado e através do modelo teórico de Marília Pimenta, será elaborada uma análise sobre as diferentes vozes que se levantam sobre a retomada do poder pelo Talibã no Afeganistão, em agosto de 2021. Para isso, serão examinados depoimentos dados pelo Talibã no momento de posse da cidade de Cabul, relatórios do governo dos Estados Unidos da América, declarações ministeriais de países vizinhos do Afeganistão e relatórios de Organizações Internacionais, como a Organização das Nações Unidas e a Human Rights Watch.

O presente trabalho busca também explorar os possíveis futuros projetados para o país, apesar da incerteza frente ao que o futuro reserva. Dessa forma, levantam-se três possíveis projeções: a) o Talibã permanecerá no poder no Afeganistão, mantendo sua postura da década de 1990, retirando os direitos civis conquistados nos últimos vinte anos, em especial por meninas e mulheres; b) o Talibã permanecerá à frente do Afeganistão, mas apresentará uma postura moderada, respeitando certos avanços realizados nos últimos dez anos; e, por fim, c) as potências internacionais, em especial os Estados Unidos, irão intervir novamente no Afeganistão, voltando a afastar o Talibã do poder.

4.1 Retorno Moderado ao Poder: entre o Discurso e a Prática

Nesta subseção serão analisados dois pontos de vista nacionais sobre a volta do Talibã ao poder no Afeganistão. De um lado, o discurso dado pelo porta-voz do Talibã, Zabihullah Mujahid, após a ocupação de Cabul, será examinado. Do outro, os relatos de sete mulheres afegãs da cidade de Herat, no oeste do Afeganistão, entrevistadas pela Human Rights Watch, serão explorados.

4.1.1 Discurso Moderado

Logo após a retomada de poder no Afeganistão, o Talibã fez seu primeiro pronunciamento à imprensa, através de seu porta-voz, Zabihullah Mujahid. O discurso assumiu tom moderado, prometendo que os direitos das mulheres seriam respeitados, que aqueles que resistiram à retomada do poder pelo Talibã seriam perdoados e fazendo apelos para que houvesse união com o governo (TRANSCRIPT..., 2021).

Mujahid iniciou o discurso parabenizando a nação pela expulsão dos estrangeiros e afirmando que este é um momento de muito orgulho, já que a liberdade e a independência são direitos legítimos de todos os Estados. Ainda, o porta-voz do Talibã agradeceu a Deus pela conquista e afirmou que o Emirado Islâmico do Afeganistão não se vingaria de ninguém. O Talibã reconheceu que passa por um momento desafiador, marcado por crises e por erros cometidos pelos invasores, mas afirmou que o Afeganistão não é mais um campo de batalha e de conflitos, de modo que não desejava travar guerras com ninguém, mantendo a paz e evitando inimigos internos e externos. Assim, asseguraram que iriam proteger as áreas onde se encontravam as embaixadas e as missões de organizações internacionais. Mujahid, seguindo nessa mesma linha, assegurou aos países vizinhos e aos Estados Unidos que ninguém estava correndo perigo no Afeganistão e que o Talibã não permitiria que seu território fosse usado contra nenhum país do mundo. Pediu, no entanto, que a comunidade internacional permitisse ao país que aja de acordo com os princípios religiosos do islã e com sua cultura, pontuando que os demais países também possuem regras, políticas e pontos de vista diferentes, utilizando distintos regulamentos, de modo que os afegãos também têm o direito de ter suas próprias regras, para que estejam de acordo com seus valores (TRANSCRIPT..., 2021).

A questão das mulheres também foi abordada pelo Talibã, que afirmou que o Emirado Islâmico do Afeganistão estaria comprometido a assegurar seus direitos, de acordo com os princípios da sharia. Logo, as mulheres poderiam ter atividades em diferentes setores e áreas, com base em suas regras e regulamentos, como educação, saúde, dentre outras. Ademais, foi abordada a questão da recuperação econômica, com a garantia de que, assim que os conflitos fossem apaziguados no país, o Talibã se comprometeria a investir em infraestrutura e a trabalhar em conjunto com a comunidade internacional para assegurar o crescimento do país e revitalizar a

economia, aproveitando seus recursos naturais. Dirigindo-se diretamente à mídia afegã, Mujahid afirmou que o Talibã estaria comprometido a garantir que seguissem trabalhando livre e independentemente, dentro dos novos padrões culturais do governo. Dessa forma, pediram às agências midiáticas que atuassem de acordo e com respeito às normas do islã, mas que poderiam e deveriam atuar de maneira imparcial, sendo possível que críticas ao governo fossem feitas quando houvesse necessidade de melhorias. Quando perguntado se considerava que o Talibã tinha mudado, Mujahid respondeu que, em questão de ideologia e de valores, a nação seguiria sendo islâmica, como o era há 20 anos, mas em termos de maturidade e de visão, haveria uma diferença referente às novas ações empreendidas pelo grupo. A conferência termina com a afirmação de que todos os cidadãos afegãos serão tratados da mesma maneira, inclusive as mulheres, e assegurando que o Afeganistão pretende manter boas relações com todos os países do mundo (TRANSCRIPT..., 2021).

Depreende-se do discurso do porta-voz do Talibã Zabihullah Mujahid que o tom assumido pelo Afeganistão é de conciliação e de paz. Fica claro o interesse latente do país em manter boas relações com seus vizinhos e com os demais países da comunidade internacional, inclusive com o governo norte-americano, devido, principalmente, à necessidade de ajuda humanitária e econômica. Além disso, a questão das mulheres foi bastante abordada durante o discurso, de maneira a apaziguar os protestos que ocorreram em Cabul contra a discriminação de gênero no país.

4.1.2 Distanciamento do Discurso: O Talibã na Prática

O relatório Afghanistan: Taliban Abuses Cause Widespread Fear, elaborado em 23 de setembro de 2021 pela Human Rights Watch (na sigla HRW), é um compilado de entrevistas telefônicas realizadas pela organização com sete mulheres afegãs que denunciam a situação em que se encontram após o Talibã tomar sua cidade, Herat, no oeste do Afeganistão, no dia 12 de agosto de 2021. Segundo estas mulheres, seus direitos e liberdades estavam sendo negados, diferentemente do que o Talibã havia prometido em seus discursos oficiais em Cabul (HUMAN RIGHTS WATCH, 2021b).

A Human Rights Watch coletou os depoimentos destas sete mulheres de forma anônima, abordando questões sobre como estavam sendo suas experiências sob o governo do Talibã. O relatório divide-se em dez partes, que buscam cobrir todos os aspectos da vida dessas mulheres, seus sentimentos e anseios quando o Talibã assumiu o poder da cidade, as restrições de suas liberdades de ir e vir, as restrições de vestimenta, de trabalho e de estudos, bem como a organização de protestos do dia 2 e 7 de setembro, quando mulheres marcharam nas ruas de Herat pedindo que o Talibã mantivesse seus direitos. Além das dez seções específicas, o relatório também conta com uma recomendação final da organização sobre medidas emergenciais que o Talibã deve adotar a fim de respeitar os acordos internacionais dos quais o Afeganistão é signatário, como por exemplo a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra Mulheres (HRW, 2021b).

As mulheres entrevistadas pela organização afirmaram que foram surpreendidas pelo sucesso do Talibã, atestando que nunca imaginaram que estes poderiam derrotar o governo. A organização também pontuou o choque destas mulheres ao descobrirem que pessoas conhecidas fazem parte do Talibã, desde familiares a colegas de turma na universidade. A Human Rights Watch também abordou a questão do Talibã estar buscando mulheres de “alto-perfil social”, isto é, mulheres ativas politicamente na defesa dos seus direitos. Segundo o relatório, uma entrevistada afirmou que o Talibã entregou uma lista de nomes para os anciãos da cidade, solicitando auxílio na procura destas mulheres. As mulheres também relataram as dificuldades sobre sua liberdade de locomoção, sendo solicitadas sobre a presença de um mahram — um familiar do sexo masculino — quando saem nas ruas. Elas denunciaram que a liderança do Talibã em Cabul afirmou que o mahram não seria necessário durante a execução das tarefas do dia a dia, como ir ao trabalho ou a lojas, mas atestaram que o Talibã em Herat as manda para casa caso não estejam acompanhadas por um mahram. As mulheres entrevistadas relatam que, em mais de uma ocasião, foram paradas por agentes do governo ao realizarem atividades cotidianas, como ir a lojas, ao trabalho e ao usarem o ônibus, sendo questionadas sobre os seus mahram. Uma das grandes preocupações destas mulheres, e um dos principais motivos, segundo elas, para os protestos de 2 e 7 de setembro, é que com a obrigatoriedade de um mahram elas não conseguirão trabalhar, pois seus

familiares não podem ficar com elas durante seus expedientes, e sem o trabalho elas não conseguirão prover sua família (HRW, 2021b).

O relatório também aborda como as incertezas dessas mulheres as levaram a uma tentativa de negociação com o Talibã, porém o oficial do governo se mostrou inflexível, afirmando que elas só deveriam sair de casa quando fosse absolutamente necessário e sempre com um familiar do sexo masculino junto. Além disso, em relação às questões sobre o trabalho e sobre a educação, elas receberam poucas respostas, apenas a promessa que as autoridades do Talibã estavam concedendo em deixar mulheres trabalharem em áreas nas quais eles julgassem necessárias, como funções de educação e de saúde com meninas e mulheres, mas que essas eram concessões, assim como a permissão para que meninas tivessem a educação primária. Segundo a Human Rights Watch, o Talibã ainda solicitou que estas mulheres apoiassem o Talibã, alertando que duras penas seriam tomadas caso se opusessem ao governo (HRW, 2021b).

Essas mulheres, então, organizaram-se em dois momentos: o primeiro, no dia 2 de setembro, não teve represália por parte do Talibã, mas quando voltaram a marchar nas ruas em 7 de setembro, exigindo que seus direitos fossem respeitados, os agentes do Talibã chicotearam na multidão, atirando indiscriminadamente a fim de dispersar as pessoas. O protesto do dia 7 de setembro levou à morte de dois homens e mais feridos, resultando, também, na proibição de qualquer protesto que não fosse autorizado pelo Ministério da Justiça. É nesse cenário que as recomendações da Human Rights Watch são elaboradas, feitas para serem, de acordo com a organização, medidas provisórias urgentes. A principal recomendação da organização concerne o esclarecimento que deve ser feito pela organização central do Talibã aos demais membros sobre o comportamento que deve ser adotado por eles, visto que há, no mínimo, um desencontro entre o discurso dado pelo Talibã em Cabul e as medidas adotadas pelos seus membros no interior do país, como por exemplo, esclarecer que as mulheres e as meninas podem deixar suas casas sozinhas e não precisam estar acompanhadas pelo mahram para realizar atividades do cotidiano, como foi dito por Zabihullah Mujahid (HRW, 2021b).

4.2 A Explicação Estadunidense: De (Des)Construção da Nação à Guerra ao Terror

Os Estados Unidos da América teve um papel significativo na história do Afeganistão, visto que esteve envolvido com o financiamento de armas e treinamentos para os afegãos que combatiam as tropas soviéticas no final do século XX. Foi responsável pela invasão do país em 2001, após o Ataque das Torres Gêmeas e no contexto da Guerra ao Terror, de forma que suas tropas estiveram presentes no país desde o mesmo ano. Porém, em 2020, o antigo presidente, Donald Trump, assinou um acordo formal com os líderes do Talibã, comprometendo-se a retirar as tropas estadunidenses do país até abril de 2021. É nesse contexto que analisaremos o discurso de Joe Biden, presidente dos Estados Unidos, dirigido à nação norte-americana em 16 de agosto de 2021, sobre a retirada total das tropas estadunidenses do Afeganistão (UNITED STATES OF AMERICA, 2021a; 2021b).

O discurso de Biden é considerado por este trabalho como uma narrativa norte-americana da conjuntura sobre o Afeganistão, já que o presidente, em diversos momentos ao longo de sua fala, realizou juízos de valor sobre o Afeganistão e os acontecimentos recentes no país, afirmando que “os líderes políticos do Afeganistão desistiram e fugiram do país” (UNITED STATES OF AMERICA, 2021b, sem página, tradução nossa⁴). Biden possuiu três principais eixos em seu discurso: a análise histórica do conflito, a luta contra o terrorismo e os próximos passos dos Estados Unidos em relação ao Afeganistão (UNITED STATES OF AMERICA, 2021b).

Sobre o aspecto histórico do conflito, o presidente Biden afirmou que os Estados Unidos nunca objetivaram a construção de nação no Afeganistão, de forma que o objetivo do país não era de criar uma democracia centralizada. Segundo ele, a missão dos EUA no país era a captura daqueles que realizaram o ataque às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001, bem como garantir que a Al-Qaeda não utilizasse o solo afegão como base para ataques contra o país americano novamente. Biden assegurou que há uma década os Estados Unidos realizaram seu objetivo no Afeganistão, após capturarem Osama Bin Laden e atingirem seriamente a Al-Qaeda em solo afegão. Ademais, de acordo com o presidente, os Estados Unidos da América deveriam focar sua ação no Afeganistão no âmbito do contra-terrorismo, assim como fazem na Somália, na Península Arábica, na Síria e no Iraque. Porém, nesses países, os Estados Unidos não possuem uma presença militar permanente,

4 No original: “Afghanistan political leaders gave up and fled the country” (UNITED STATES OF AMERICA, 2021b, sem página).

sendo esse o ponto chave do discurso do presidente sobre o terrorismo e sobre como o país deve lidar com o Afeganistão em anos futuros (UNITED STATES OF AMERICA, 2021b).

Dando grande enfoque ao acordo realizado por Trump em 2020, Biden discorreu sobre a difícil escolha que teve entre: honrar o acordo e retirar suas tropas do país ou aceitar o escalonamento do conflito. A última alternativa o obrigaria a enviar mais tropas ao Afeganistão, visto que não houve garantia de um cessar-fogo após maio, bem como não houve acordo em relação à proteção de tropas americanas. O que houve, de acordo com ele, foram promessas do governo do Afeganistão de que seu exército e sua população estariam enfrentando o Talibã em conjunto com os norte-americanos, o que, de acordo com o presidente estadunidense, foram promessas vazias. Segundo o discurso de Biden, o que os Estados Unidos viram acontecer nos últimos anos foi o colapso do exército afegão — apesar do treinamento e dos equipamentos disponibilizados pelo governo americano ao exército afegão, do pagamento dos salários do exército e da manutenção da força aérea afegã — e o fortalecimento do Talibã como nunca antes durante os vinte anos de conflito (UNITED STATES OF AMERICA, 2021b).

Dessa forma, Biden afirma que os Estados Unidos deram ao Afeganistão e aos afegãos todas as ferramentas que poderiam para que eles decidissem o seu próprio futuro, mas que os EUA foram recebidos com afegãos indispostos a lutar para que esse futuro não fosse nas mãos do Talibã. O presidente afirmou que a decisão dos Estados Unidos de deixar o Afeganistão teria sido a mesma um ano antes ou cinco anos para frente, os resultados se manteriam pois, de acordo com a sua visão, os afegãos não se mostravam dispostos a lutar suas próprias batalhas e, dessa forma, Biden afirmou não poder pedir para que vidas estadunidenses sejam perdidas nesse conflito. O presidente norte-americano também responsabilizou o antigo presidente do Afeganistão, Ghani, de prometer uma unidade política para limpar a corrupção política no Afeganistão e de unir os líderes políticos do país na sua luta contra o Talibã, atos em que eles também falharam (UNITED STATES OF AMERICA, 2021b).

Por fim, Biden anunciou que os Estados Unidos seguirá apoiando o Afeganistão através de ajuda humanitária, seguirá dando suporte ao povo afegão através de sua influência diplomática internacional e se manterá ao lado do povo afegão na

sua luta por direitos básicos, especialmente os de suas mulheres e meninas. Apoiando-se na cartilha norte-americana de precursor e propagador dos direitos humanos, Biden assegurou que os direitos humanos devem ser o centro das discussões. Além disso, o discurso também abordou o apoio estadunidense aos refugiados afegãos e prometeu auxílio a esses em seu estabelecimento em lugares fora do Afeganistão (UNITED STATES OF AMERICA, 2021b).

O discurso de Biden afirmou que os Estados Unidos apenas viam a questão do Afeganistão como uma guerra contra o terrorismo, deixando de considerar, então, a responsabilidade do país ao fornecer apoio aos ativistas religiosos quando esses lutaram contra a União Soviética, ativistas religiosos que vieram a compor o Talibã (VISENTINI, 2014). Ainda, e, mais importante, o discurso de Biden falha em não mencionar as sanções do governo estadunidense ao Afeganistão, sanções estas que, como veremos no relatório da Human Rights Watch, que será analisado posteriormente neste artigo, estão contribuindo para que a maioria do povo afegão se encontre em situação de fome generalizada e deixe o país em um colapso econômico. A frase “nosso objetivo nunca foi construir uma nação no Afeganistão” parece, de certo modo, uma forma de isentar-se da responsabilidade adquirida após anos de destruição e de contribuição para a instabilidade do país asiático (UNITED STATES OF AMERICA, 2021b, online; HUMAN RIGHTS WATCH, 2021a, online).

4.3 Impacto Regional: A Visão dos Vizinhos Quanto à Situação no Afeganistão

Durante a Segunda Reunião dos Ministros das Relações Exteriores dos Países Vizinhos do Afeganistão (Second Meeting of Foreign Ministers of Afghanistan's Neighboring Countries, em inglês), sediada em Teerã em 27 de outubro de 2021, foi aprovada uma declaração ministerial conjunta pelos ministros representantes da China, Irã, Paquistão, Tadjiquistão, Turcomenistão, Uzbequistão e Rússia. A reunião contou com discursos dos ministros sobre a situação no Afeganistão, além do pronunciamento do Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres (CHINA, 2021).

Dada a mudança na situação política do Afeganistão, a reunião objetivava uma análise dos novos acontecimentos e o estabelecimento de recomendações e

metas a serem cumpridas por eles e pelo Estado afegão. Dessa maneira, os ministros dos países vizinhos reiteraram o apoio à soberania nacional, à independência política, à unidade territorial e à não-interferência externa nos assuntos internos do país. Além disso, expressaram sua preocupação com a situação securitária, governamental, socioeconômica e humanitária do Estado afegão, de modo que concordaram que os países responsáveis pelas dificuldades no Afeganistão devem honrar seu compromisso e fornecer a ajuda econômica, a subsistência e a assistência humanitária urgentemente necessárias para ajudar a realizar uma transição estável da situação no Afeganistão. Ademais, expressaram o forte apoio para alcançar a paz, a estabilidade e a reconciliação nacional no país e incentivaram todas as partes, incluindo o Talibã, a continuar o diálogo político e as consultas para a solução das questões pendentes e o desenvolvimento futuro da nação. Por fim, enfatizaram que as organizações internacionais e regionais, em particular as agências da ONU e os membros relevantes do Conselho de Segurança, deveriam assumir sua responsabilidade pela solução política dos problemas do Afeganistão, prestando apoio aos afegãos para desenvolver infraestrutura socioeconômica e fornecendo assistência econômica e humanitária. Levando em consideração a deterioração da situação econômica no Afeganistão, pediram que a comunidade internacional fornecesse assistência humanitária de forma urgente (CHINA, 2021).

Após a análise da situação do Afeganistão, os países vizinhos estabeleceram algumas metas a serem cumpridas por eles. Primeiramente, comprometeram-se a apoiar uma solução duradoura e realista das diferenças através do diálogo e da negociação entre as partes relevantes para alcançar a reconciliação nacional, solução política duradoura e a formação de um governo inclusivo. Além disso, pretendiam exortar as partes afegãs relevantes a implementar políticas internas e externas modestas e prudentes, retomar a ordem normal da sociedade o mais rápido possível, realizar o funcionamento eficaz das agências governamentais, fornecer serviços públicos básicos aos indivíduos, tomar medidas para melhorar a subsistência das pessoas e proteger os direitos fundamentais dos grupos étnicos, mulheres e crianças no Afeganistão. Ainda, pretendiam garantir o compromisso das partes afegãs relevantes à comunidade internacional de que o território do Afeganistão não representará nenhuma ameaça aos países vizinhos e não será utilizado por grupos criminosos, terroristas e separatistas, de modo a adotar uma abordagem amigável para com os

países vizinhos e respeitar os princípios reconhecidos universalmente aceitos do direito internacional e dos direitos humanos fundamentais, assegurando os direitos legítimos dos cidadãos estrangeiros e das instituições no Afeganistão (CHINA, 2021).

Para além das metas anteriormente citadas, os países vizinhos pretendiam, ainda, incentivar as partes afegãs relevantes a enfrentar as ameaças e os desafios, como o terrorismo, o contrabando de drogas e o tráfico de seres humanos, a repressão ao crime organizado e outros atos criminosos originários do Afeganistão. Ademais, fazem um apelo ao Estado afegão e à comunidade internacional para que abordem a situação dos refugiados e do deslocamento forçado no país. Além disso, a necessidade de a comunidade internacional fornecer apoio financeiro contínuo e assistência humanitária ao país também foi citada. Por fim, foi feito um apelo aos demais países do globo para que se mantenham engajados positivamente com o Afeganistão e desenvolvam um roteiro de longo prazo para avançar a agenda de engajamento político, integração econômica e conectividade regional (CHINA, 2021).

Sendo assim, é notável que a Segunda Reunião dos Ministros das Relações Exteriores dos Países Vizinhos do Afeganistão pretendia não só auxiliar o Estado afegão no período de transição de governo mas também fazer apelos à comunidade internacional para que permitisse a reinserção do país em negociações e fóruns internacionais, bem como solicitar ajuda humanitária e financeira. Percebe-se, ainda, que os vizinhos não possuíam grandes oposições à retomada do poder pelo Talibã e visavam tornar essa transição a mais pacífica possível para o Afeganistão.

4.4 A Visão das Nações Unidas sobre a Crise Humanitária, Econômica e Política

As Nações Unidas atuaram nos acontecimentos no Afeganistão através de diversos órgãos especializados, sendo necessário filtrar os órgãos da Organização para realizar a presente análise. Assim, nesta subseção, será abordado o relatório da Missão de Assistência das Nações Unidas para o Afeganistão, bem como o relato da Representante Especial do Secretário Geral e Chefe da Missão de Assistência das Nações Unidas no Afeganistão, Deborah Lyons, os depoimentos concedidos de conselheiros do Conselho de Segurança (CSNU) à UN Press e as discussões e decisões do Conselho.

A Missão de Assistência das Nações Unidas para o Afeganistão, da sigla em inglês UNAMA, foi estabelecida em 2002, tendo seu mandato renovado ao longo dos anos. Como de costume nas missões da Organização, um relatório deve ser entregue ao Conselho de Segurança pelo Secretário Geral das Nações Unidas a cada período estipulado de tempo, como forma de verificar a validade da missão. Nesse sentido, formulado em 2 de setembro de 2021, o relatório *The Situation in Afghanistan and its Implications for International Peace and Security* foi entregue ao CSNU. Dividido em oito partes — introdução, desenvolvimentos relevantes, direitos humanos, coordenação de assistência ao desenvolvimento, assistência humanitária, contenção de narcóticos, apoio à missão e observações —, o relatório busca estabelecer um histórico dos acontecimentos recentes no Afeganistão, abordando as tentativas falhas de negociação entre as duas partes do conflito, o Talibã e o antigo governo do Afeganistão, no início de 2021, a retirada das tropas internacionais e o ataque ao Aeroporto Internacional de Hamid Karzai e os demais desdobramentos da crise econômica, humanitária e política no país. O texto clamava aos países-membros das Nações Unidas que mantivessem a ajuda humanitária à região, pedindo, ainda, que o Talibã e as demais partes envolvidas no conflito exercessem máximo respeito pela proteção à vida e que garantissem que as necessidades básicas humanas fossem atendidas. O Secretário Geral da ONU prosseguiu no relatório pedindo pelo fim da violência e para que os direitos e a segurança dos afegãos sejam respeitados, incluindo os direitos de mulheres, meninas e de minorias religiosas. De modo geral, o relatório serviu de forma a orientar o Conselho a prorrogar a UNAMA (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL, 2021b).

O Conselho de Segurança das Nações Unidas deu seu primeiro pronunciamento sobre os acontecimentos no Afeganistão no dia 16 de agosto de 2021, quando fez um pronunciamento para a UN News pedindo pelo cessar das hostilidades no país, pelo fim da violência e pela restauração da ordem civil e da segurança do povo afegão (UNITED STATES, 2021). O Conselho voltou a se pronunciar ainda no mês de agosto, após o ataque terrorista ao Aeroporto Internacional Hamid Karzai, em Cabul, onde as forças militares dos Estados Unidos estavam reunidas para realizar a evacuação de estrangeiros e de afegãos considerados em perigo no governo Talibã. A retirada das tropas externas fez com que milhares de civis se

reuniram-se no aeroporto, buscando acessar os voos de evacuação (UNSC, 2021b). Enquanto civis buscavam a saída do Afeganistão, o Estado Islâmico na Província de Khorosan (ISKP), grupo teorrirista, realizou um ataque causando a morte de 150 pessoas e deixando mais de 200 pessoas feridas. O Conselho de Segurança das Nações Unidas se solidarizou com as vítimas, solicitando que o Talibã garantisse e facilitasse a passagem segura dos cidadãos que desejassem deixar o país, bem como permitisse o acesso de auxílio humanitário ao país e que se posicionasse em defesa dos direitos humanos, incluindo os direitos de crianças e mulheres (SECURITY..., 2021). O CSNU se reuniu novamente em 17 de setembro, após receber o relatório do Secretário das Nações Unidas, António Guterres, votando para que o mandato da missão no Afeganistão fosse estendido até março de 2022 (UNITED NATIONS ASSISTANCE MISSION IN AFGHANISTAN, 2021).

Ainda no âmbito das discussões sobre o Afeganistão, o Conselho se encontrou em 17 de novembro de 2021, ouvindo o relato de Deborah Lyons, Representante Especial do Secretário Geral e Líder da Missão de Assistência das Nações Unidas no Afeganistão. Lyons apontou que, apesar do contato com a administração Talibã nos últimos três meses estar sendo “útil e construtivo” — uma vez que, segundo ela, as autoridades do Talibã buscam o reconhecimento internacional das Nações Unidas, bem como superar o déficit de confiança com a comunidade internacional e, por esses motivos, estão buscando providenciar segurança para as forças da ONU no país e permitir amplo acesso humanitário —, as questões sobre direitos de mulheres, educação de meninas e os relatos de assédio e de assassinatos extrajudiciais levantam preocupações. Dessa forma, Lyons afirma que “abandonar o povo afegão agora será um erro histórico — um erro que já foi feito antes com trágicas consequências” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL, 2021a).

Sobre a situação geral da sociedade Afegã, a Chefe da Missão das Nações de Assistência ao Afeganistão relata que a maioria dos afegãos permanecem apreensivos sobre as futuras intenções do Talibã. Ela apontou que questões econômicas os têm preocupado, principalmente em relação à economia paralisada, e que eles temem não conseguir se alimentar durante o inverno. Lyons criticou as sanções econômicas que estão em vigor contra o Afeganistão, afirmando que estas são responsáveis pela paralisia da economia. Cerca de 23 milhões de afegãos estarão em crise ou em emergência de insegurança alimentar, além de haver o aumento da

fome nas áreas rurais. Além disso, ela afirma que parte dos afegãos se mostraram preocupados com sua capacidade de participar de manifestações, já que sua liberdade de expressão foi restringida e meios de comunicação foram fechados devido às restrições em curso por parte das autoridades. Diante do exposto pela Líder da Missão de Assistência das Nações Unidas ao Afeganistão, os membros do Conselho de Segurança se mostraram preocupados com o desenvolvimento da crise humanitária no Afeganistão e a ameaça de colapso econômico do país e pediram por imediata assistência da ONU. Os conselheiros se dividiram em grupos de opiniões distintas: enquanto alguns demonstraram-se mais preocupados com os ataques aos direitos de mulheres, meninas, jornalistas e ativistas, outros levantaram questões sobre os ataques terroristas, e um terceiro grupo, em que se encontrava o representante chinês, levantou questões sobre as sanções e a fome generalizada que está afligindo o país (UNSC, 2021a).

4.5 Do Colapso Econômico à Fome Generalizada

A Human Rights Watch é uma organização independente sem fins lucrativos, com sede em Nova York, composta por advogados, jornalistas, ativistas e estudiosos de mais de 70 nacionalidades que buscam investigar e reportar abusos que acontecem em todas as partes do mundo, bem como proteger aqueles em risco, como minorias vulneráveis em tempos de guerra, crianças e refugiados (HUMAN RIGHTS WATCH, 2021a). Elaborado em 11 de novembro de 2021, o relatório *Afghanistan Facing Famine: UN, World Bank, US Should Adjust Sanctions and Economic Policies* tem como objetivo principal expor a crise econômica afegã e o colapso do sistema bancário, que está causando fome generalizada no país de acordo com o Programa Mundial de Alimentos da ONU (HUMAN RIGHTS WATCH, 2021c).

O relatório, cujo objetivo principal é expor o colapso da economia e dos serviços sociais do Afeganistão, abordou os fatores que afetaram e inflaram a crise econômica, como os resultados negativos das sanções aplicadas pelas Nações Unidas e pelos Estados Unidos unilateralmente, além de contextualizar a crise humanitária através de relatos de afegãos. De acordo com a organização, após a tomada do Afeganistão pelo Talibã, em agosto de 2021, houve corte da assistência estrangeira, assim como a retirada em massa de bancos privados do país. A Human

Rights Watch considerou que a falha em manter compromissos internacionais em relação ao respeito aos direitos humanos, em especial de mulheres, meninas e de minorias religiosas, por parte do Talibã, acarretou na falta de confiança de governos e instituições financeiras internacionais em reconhecer o governo do Talibã, de realizar negociações diretas com o Banco Central do Afeganistão e em permitir que o governo Talibã opere em entidades governamentais dentro do sistema financeiro internacional. Somado a isso, o Afeganistão ainda lida com sanções aplicadas pelos Estados Unidos e pela ONU — impostas através de resoluções do Conselhos de Segurança das Nações Unidas devido a ligação do Talibã com grupos terroristas —, o que contribuiu para o cenário de colapso econômico do país (HRW, 2021c).

Ainda, a Human Rights Watch assegurou que o principal problema do Afeganistão é que seus bancos não conseguem cobrir saques feitos por atores privados e por organizações humanitárias, visto que não possuem dinheiro físico. Dessa forma, as doações internacionais e o auxílio humanitário não tinham efeito quando estas entidades internacionais não conseguem enviar ativos para o sistema bancário, pois não há dinheiro no país. A falta de liquidez acarretou na ausência de pagamentos de salários e no aumento rápido do preço dos alimentos, fazendo com que a população encarasse a fome generalizada, com muitas famílias realizando uma refeição por dia, caso tenham sorte, e sendo forçadas a implorar por alimentos em espaços públicos. O relatório também denunciava que as principais afetadas são as mulheres e meninas, pois o governo do Talibã estava impondo dificuldades ainda maiores para que estas obtivessem recursos financeiros e alimentos. A proibição ao trabalho feminino forçou-as a abandonar seus empregos, e, mesmo para aquelas que ainda possuíam permissão para exercer uma profissão, como é o caso de trabalhadoras da área da saúde e da educação, a exigência do Talibã de que elas sejam acompanhadas por um mahram, isto é, um familiar do sexo masculino durante seu expediente e todas às vezes que estas saem de casa, criou uma dificuldade a mais para que estas mulheres permaneçam empregadas, visto que muitos dos familiares do sexo masculino não podem estar com essas mulheres no período de trabalho. Além da renda familiar dessas mulheres ter sido reduzida devido à ausência de seus salários, a Human Rights Watch alegou que muitas famílias estão recorrendo à venda de seus filhos para o casamento, em especial meninas, para conseguir se alimentar (HRW, 2021c).

É nesse cenário que a organização elaborou suas recomendações para resolver a crise econômica no Afeganistão. O primeiro ponto abordado pela Human Rights Watch foi o desacordo entre a política de sanções dos Estados Unidos contra o Talibã com as novas políticas que o Departamento do Tesouro estadunidense promulgou em 18 de outubro. Segundo a organização, o Tesouro afirmou que buscará adequar “sanções econômicas a fim de mitigar impactos econômicos e políticos não intencionais” (HRW, 2021, sem página), o que é questionado pela organização visto que as sanções aplicadas no Afeganistão estavam causando impactos indesejados, uma vez que estão colocando a população civil afegã em, no mínimo, um estado de insegurança alimentar. Além dos Estados Unidos, a Human Rights Watch clamou para que o Conselho de Segurança das Nações Unidas tomasse medidas imediatas para garantir que transações financeiras com propósitos humanitários e o fornecimento de outros serviços essenciais estivessem fora do escopo de sanções econômicas da Organização (HRW, 2021c).

Outro ponto abordado pela Human Rights Watch concerne a questão do envio de dinheiro físico para o país. Considerando que os Estados Unidos estava impedindo o Banco Central do Afeganistão de acessar reservas em moeda estrangeira e que, no Banco Mundial, o governo dos Estados Unidos liderou o processo de impedimento do Banco Central afegão de acessar ativos, doações ou assistência do Banco Mundial, a organização propôs que os governos, a ONU, o Banco Mundial e o Talibã trabalhassem juntos a fim de chegar em um acordo que permitisse o acesso do Banco Central ao sistema bancário internacional, podendo pagar a dívida do país com o Banco Mundial e acessar os depósitos em dólar dos programas de assistência humanitária. A Human Rights Watch também salientou que em caso de não-consentimento entre as partes, a Organização das Nações Unidas deve seguir usando todos os meios disponíveis à Organização para mandar dinheiro para o Afeganistão para fins humanitários (HRW, 2021c).

5 Conclusão

Sendo assim, o presente trabalho procurou analisar as diferentes vozes que emergiram frente à retomada do poder pelo Talibã no Afeganistão, bem como explorar os cenários possíveis que decorreriam dessa mudança de governo no país. A partir do modelo analítico proposto por Marília Pimenta, constatou-se que os

diferentes atores envolvidos realizam análises de conjunturas, que são baseadas em seus interesses e têm poder de alterar a realidade e influenciar em decisões futuras. Desse modo, é imprescindível que se observe esses pontos de vista distintos para que se tenha uma visão multifacetada e plural do conflito, que facilite seu entendimento.

Assim, consideram-se as três hipóteses de projeção levantadas pelo estudo, sendo elas: a) o Talibã permanecerá no poder no Afeganistão, mantendo sua postura da década de 1990, retirando os direitos civis conquistados nos últimos vinte anos, em especial por mulheres e meninas; b) o Talibã permanecerá à frente do Afeganistão, mas apresentará uma postura moderada, respeitando certos avanços realizados nos últimos dez anos; e, por fim, c) as potências internacionais, em especial os Estados Unidos, irão intervir novamente no Afeganistão, voltando a afastar o Talibã do poder. Dessa forma, quando se compara o discurso do Talibã em seu primeiro pronunciamento à imprensa e os depoimentos dos civis afegãos, nota-se uma divergência entre o discurso do grupo e a prática, principalmente no que tange à questão dos direitos das mulheres. Durante o pronunciamento, por diversas vezes o grupo afirmou que os direitos das mulheres seriam respeitados e que elas estariam autorizadas a trabalhar em atividades diversas. No entanto, os depoimentos das afegãs mostram uma realidade diferente, em que afirmaram que seus direitos estão sendo tolhidos, como mostra o exemplo da restrição de locomoção. Entende-se, então, que o discurso moderado do Talibã frente às mulheres não condiz com a realidade, sendo necessário a análise de outras fontes para o real entendimento dos fatos. Nota-se um ponto comum nos discursos de todos os atores: a questão da crise humanitária e econômica, mesmo que abordados de maneiras distintas. Os países vizinhos do Afeganistão fizeram apelos à comunidade internacional para que essa tomasse providências para auxiliar os afegãos, enquanto o CSNU apenas expressou preocupação quanto à situação, e a Human Rights Watch fez recomendações para mitigar os problemas. Os Estados Unidos, por sua vez, afirmaram que irão prover ajuda ao Afeganistão, enquanto, na realidade, encabeçam sanções que causam mais disrupções à economia afegã.

Quanto às hipóteses levantadas pelo presente estudo, quando se analisa apenas o discurso do Talibã, podemos concluir que o grupo assumirá uma postura mais moderada, respeitando os direitos das mulheres e se posicionando de maneira

amistosa com os demais países do sistema internacional. No entanto, ao se observar os depoimentos dos civis afegãos, nota-se que o discurso do Talibã não condiz com a realidade, de modo que poderíamos ser levados a acreditar que o comportamento adotado pelo novo governo será o mesmo de vinte anos atrás. A hipótese sobre interferências externas no país também se mostra pouco plausível, de modo que os Estados Unidos — país que poderia vir a liderar uma futura intervenção — encontra dificuldades em convencer a opinião pública norte-americana da importância da retomada do poder no país, devido aos elevados custos de mais de vinte anos de ocupação. Além disso, a ONU mantém uma missão de paz no país — a UNAMA —, que teve seu mandato renovado ainda este ano. Por fim, entende-se que o Talibã possa vir a assumir um comportamento mais moderado — apesar de não se poder afirmar com certeza —, devido a sua necessidade de ajuda humanitária e financeira, para enfrentar a crise que se instaurou no país, assim como a urgência de retornar ao sistema internacional de forma atuante. O comportamento mais comedido facilitaria o relacionamento com os demais Estados do sistema, principalmente os ocidentais, em que a opinião pública tem grande influência na política.

Apesar de as três hipóteses possuírem argumentos plausíveis que as sustentem, o presente estudo conclui que a situação do Afeganistão é deveras complexa e, talvez, necessitaria de uma quarta hipótese possível para o futuro: um Afeganistão que necessitará de um forte apoio internacional nas questões econômicas e humanitárias para conseguir superar a crise, sob governo do Talibã, que enfrentará questionamentos e sanções internacionais com base em suas decisões em relação aos direitos humanos e demais restrições de liberdade, mas que, talvez, tenha apoio dos seus vizinhos regionais na sua luta para se inserir no sistema internacional como representante do Afeganistão. Dessa maneira, fica clara a parcialidade das análises de conjuntura e dos diferentes cenários projetados pelos atores, baseados em seus diferentes interesses e pontos de vista. Assim, entende-se que nenhuma análise da situação atual do Afeganistão e de seu futuro será totalmente precisa, sendo possível apenas uma aproximação da realidade.

From Taliban to Taliban: The Return of the Islamic Emirate of Afghanistan

Abstract: This article aims to conduct a situational analysis of the recent developments of the war in Afghanistan, with the Taliban's return to power in August 2021. The analysis will be based on the "Analysis of Analyses or Mosaic of Voices" ("Análises das Análises ou Mosaico de Vozes, in Portuguese) model, which proposes a case study based on the evaluation of the construction of scenarios and projections from various actors. Thus, the guiding question of the research is: "Given the international interests and the history of Afghanistan, what are the possible scenarios projected for the country? Furthermore, three possible future scenarios were raised, which will be considered to evaluate the retaking of Afghanistan by the Taliban.

Keywords: United States; Afghanistan; Taliban; situation analysis.

Referências

CHINA. **Mission of the People's Republic of China to the European Union.** Joint Ministerial Statement of the Second Meeting of Foreign Ministers of Afghanistan's Neighboring Countries. Pequim, 2021. Disponível em: <https://www.mfa.gov.cn/ce/cebe/eng/mhs/t1917355.htm>. Acesso em: 23 nov. 2021.

HUMAN RIGHTS WATCH (HRW). **About Us.** 2021a, online. Disponível em: <https://www.hrw.org/about/about-us>. Acesso em: 22 nov. 2021.

HUMAN RIGHTS WATCH (HRW). **Afghanistan: Taliban Abuses Causes Widespread Fear.** Nova York, 23 set. 2021b. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2021/09/23/afghanistan-taliban-abuses-cause-widespread-fear>. Acesso em: 23 nov. 2021.

HUMAN RIGHTS WATCH (HRW). **Afghanistan Facing Famine: UN, World Bank, US Should Adjust Sanctions, Economic Policies.** Nova York, 11 nov. 2021c. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2021/11/11/afghanistan-facing-famine>. Acesso em: 23 nov. 2021.

PIMENTA, Marília Carolina B.S. Do oráculo ao mosaico de vozes: elementos-chave para a compreensão do cenário pós-conflito colombiano. In: AYERBE, Luis Fernando (org.). **Análise de conjuntura em relações internacionais: abordagens e processos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, p. 201-228.

SECURITY Council urges Taliban to provide safe passage out of Afghanistan. UN News, 30 ago. 2021. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2021/08/1098802>. Acesso em: 24 nov. 2021.

TRANSCRIPT of Taliban's first news conference in Kabul. Al Jazeera, 17 ago. 2021. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/8/17/transcript-of-talibans-first-press-conference-in-kabul>. Acesso em: 22 nov. 2021.

UNITED NATIONS ASSISTANCE MISSION IN AFGHANISTAN. Mandate. 2021. Disponível em: <https://unama.unmissions.org/mandate>. Acesso em: 24 nov. 2021.

UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL (UNSC). **Meetings Coverage and Press Releases. Abandoning Afghanistan Now, amid Humanitarian Crisis, Would Be 'Historic Mistake', Special Representative Tells Security Council.** 2021a. Meetings Coverage, 8908th meeting. Disponível em: <https://www.un.org/press/en/2021/sc14706.doc.htm>. Acesso em: 24 nov. 2021.

UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL (UNSC). **The Situation in Afghanistan and its implications for international peace and security.** 2021b. Report, A/76/328-S/2021/759, 2 september 2021. Disponível em: <https://undocs.org/en/S/2021/759>. Acesso em: 22 nov. 2021.

UNITED STATES. **United States Mission to the United Nations. UN Security Council Press Statement on Afghanistan.** Nova York, 16 August 2021. Disponível em: <https://usun.usmission.gov/un-security-council-press-statement-on-afghanistan/>. Acesso em: 23 nov. 2021.

UNITED STATES OF AMERICA. **Congressional Research Service. U.S. Military Withdrawal and Taliban Takeover in Afghanistan: Frequently Asked**

Questions. Washington, September 17, 2021a, online. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R46879>. Acesso em: 23 nov. 2021.

UNITED STATES OF AMERICA. White House. **Remarks by President Biden on Afghanistan.** Briefing Room. August 16, 2021b, online. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/08/16/remarks-by-president-biden-on-afghanistan/>. Acesso em: 24 nov. 2021.

VISENTINI, Paulo F. **O Grande Oriente Médio: da descolonização à primavera árabe.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. p. 99-106.

VISENTINI, Paulo F. et al. **Revoluções e Regimes Marxistas: rupturas, experiências e impacto internacional.** Porto Alegre: Leitura XXI, 2013. p. 328-337.